

IMIGRAÇÃO
ITALIANA
150
ANOS
1874-2024
ESPIRITO SANTO - BRASIL

DO PASSADO AO HORIZONTE

150 ANOS DE TRAVESSIAS



Noi Siamo La Storia

Curadoria

Cilmar Franceschetto
Luza Carvalho

Consultoria em História

Julio Bentivoglio
Patrícia Merlo
Rogério Piva

Pesquisa de imagens

David Protti

Ilustração

Zota Coelho

Design gráfico

Allan Ost

Coordenação Geral

Joelma Consuelo F. e Silva

Produção e Logística

Martina Carvalho Martins

Agradecimentos

José Antonio Martinuzzo
Felipe Protti

E a todos que, direta e indiretamente, colaboraram para a realização deste projeto.

APRESENTAÇÃO

Em fevereiro de 1874, o veleiro La Sofia adentrava a baía de Vitória conduzindo 388 camponeses para o Espírito Santo, a Expedição Tabacchi, inaugurando a imigração em massa de italianos para o Brasil.

Diante desse importantíssimo marco histórico, coube aos ítalo-capixabas a iniciativa de organizar e realizar eventos em comemoração ao Sesquicentenário, envolvendo as diversas representações italianas do estado, do país e da Itália. Os eventos tiveram início ainda em 2023, com o lançamento da marca dos 150 anos, no Palácio Anchieta, em junho, seguido pelo lançamento do Calendário de Eventos, no Salão do Turismo, em dezembro.

A festa de Abertura das Comemorações dos 150 Anos da Imigração Italiana no Espírito Santo-Brasil – *Noi Siamo La Storia*, foi realizada em Vitória, iniciada na manhã de 17 de fevereiro, na Praça do Papa, com a encenação do “Embarque dos Imigrantes”, seguida da Missa Polifônica Italiana na Catedral de Vitória e confraternização.

Entre 31 de maio e 2 de junho foi realizado o Festival da Cultura Italiana, na Praça do Papa. Os eventos citados foram realizados pela parceria entre a Associação Federativa Comunità Italiana do Espírito Santo e o Arquivo Público do Estado do Espírito Santo e contou com o apoio primordial das diversas associações de cultura italiana do estado, das prefeituras, de empresas públicas e privadas, das leis de incentivo estadual e federal e do Governo do Estado do Espírito Santo.

A realização desta exposição: *Do Passado ao Horizonte, 150 Anos de Travessias* é mais um fruto dessa parceria entre o Arquivo Público e a Comunità e que conta com recursos da Lei de Incentivo à Cultura – LICC do Governo do Estado do Espírito Santo e do Grupo Águia Branca. Para sua execução foi estruturada uma equipe técnica multidisciplinar, com a participação de professores de História e de Fotografia da UFES, um ilustrador e um designer gráfico. O gerenciamento dos recursos ficou sob a responsabilidade da Comunità com o apoio da Luza Produções.

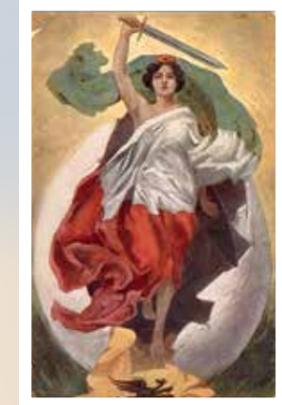
A exposição está montada em 20 banners, em tecido, o que facilita sua montagem, divididos em quatro tempos, que retratam as motivações da emigração, a viagem, o contato com o Novo Mundo e as perspectivas de futuro. Para aumentar seu alcance, foi planejada de modo itinerante. Para tanto, foram impressas 22 cópias dessa mostra e entregues às associações italianas, em atividade, de diversos municípios do estado, que terão a responsabilidade de montá-las em local e data apropriados.

Somos muito gratos a todos os colaboradores, apoiadores, voluntários, patrocinadores que tornaram possível a realização de mais este importante evento dos 150 Anos. Uma oportunidade especial de celebrar a memória dos nossos antepassados, de valorizar a nossa história, de reforçar e ampliar o intercâmbio com a Itália e de divulgar o Espírito Santo ao mundo.

SUMÁRIO

Origem.....	p. 2
Travessia.....	p. 7
○ Brasil.....	p. 13
○ Futuro.....	p. 19

ORIGEM



Existiam muitas Itálias nos corações aflitos daqueles que vivenciaram o processo traumático da Unificação Italiana (*Risorgimento*), concluído em 1871. Antes disso, a Península Itálica era formada por reinos, ducados, repúblicas, principados e cidades muito diferentes, cada um com suas leis, moeda, tradições, dialetos e costumes. No norte, a influência austríaca era significativa, enquanto a influência francesa predominava a noroeste. Assim, muitas fronteiras reais e imaginárias afastavam diversos italianos desse Estado unificado, visto que a guerra e os recrutamentos forçados de soldados no campo e nas cidades, com suas rupturas, violências e mortes, constantes entre 1821 e 1871, ainda evocavam temor na população. Os decretos do governo italiano não impediram a desagregação das propriedades e do trabalho, gerando uma forte crise política, social e econômica. A Itália recém-unificada por Vitor Emanuel II em 1871 continuava sendo, na prática, um mosaico de comunidades, crises e tensões.

- Reino de Sardenha-Piemonte (1859)
- Anexações de 1859-1860, decorrentes da Guerra contra a Áustria
- Territórios cedidos à França (1860)
- Territórios incorporados em 1861 em razão das campanhas de Garibaldi e de tropas piemontesas
- Anexação em 1866
- Território anexado em 1870
- Territórios pretendidos pela Itália e só anexados em 1919
- Campanha de Garibaldi
- Campanha de tropas de Piemonte



“*L’Unità sarà la nostra rovina. Moriremo tutti di fame.*”

“A Unificação será a nossa ruína, morreremos todos de fome”, profetizava negativamente o grande músico, **Giuseppe Verdi**.

Ao longo do século XIX, os italianos viveram sob constantes convulsões políticas, levantes e guerras. A região de Nápoles sofreu agitações em 1821; Módena e Parma, em 1831; Lombardia, Sardenha, Toscana, Veneza e Piemonte, em 1848; Parma, Sardenha, Salerno, Turim e Florença, em 1861; e Vêneto, Estados Pontifícios e Roma, entre 1862 e 1871. Simultaneamente, um processo de concentração de terras em grandes propriedades e a mecanização da agricultura resultaram na eliminação de pequenos camponeses que viviam nos campos, devido à concorrência com os grandes produtores. Os impostos



Encontro de Garibaldi com o rei Vittorio Emanuele - pintura de Sebastiano De Albertis. Museu do Risorgimento, Lucca. (circa 1870)

sobre a terra aumentavam paulatinamente, obrigando os pequenos proprietários a contraírem empréstimos, o que resultou em crescente

endividamento, perda da terra e desemprego. Junto aos conflitos políticos, o problema da terra também gerava fome, miséria e sofrimento.



A Batalha de Calatafimi, da Unificação Italiana, um dos episódios mais decisivos da Expedição dos Mil, travada em 15 de maio de 1860. Óleo sobre tela de Remigio Legat - Museu do Risorgimento, Lucca

Durante e após os conflitos, a fome e a pobreza, juntamente com a falta de trabalho, desencadearam um intenso processo de migração dentro do território italiano e fluxos de emigração para outros países, principalmente Estados Unidos, Brasil e Argentina. O contexto histórico pós-Unificação era de crise e desagregação, tanto nos campos quanto nas cidades. Como em toda zona de tensão militar, os movimentos populacionais, com fugitivos, refugiados e combatentes, eram constantes em toda a Itália, caracterizados por enormes dificuldades para se obter abrigo, comida ou recursos. Uma das alternativas era buscar a sobrevivência em outros lugares. O desafio era conseguir chegar até um porto para embarcar rumo à América, fosse caminhando por vários dias, viajando de carroça, a cavalo ou eventualmente de trem, caso os recursos permitissem e a linha férrea não estivesse interrompida devido aos conflitos.



Situação de pobreza na Europa decorrente de guerras, concentração de terras, mecanização agrícola, entre outros. Fotografia desconhecida. Fonte: pinterest.com



“Emigrantes indo para a América” - Óleo sob tela de Noë Bordignon (1887). Fonte: wikimedia.org

FAZER A AMÉRICA, IR PARA O BRASIL

Dentre as alternativas para lidar com as incertezas em sua terra natal, estava a emigração. No Brasil, após as transformações de 1850 com a Lei de Terras e a Lei de Abolição do Tráfico de Africanos, havia uma demanda por trabalhadores em uma economia em grande transformação, especialmente devido à expansão cafeeira. Recrutadores de mão de obra foram à Europa em busca de braços para a lavoura. Além disso, havia a iniciativa de criar colônias como células de desenvolvimento regional e de ex-

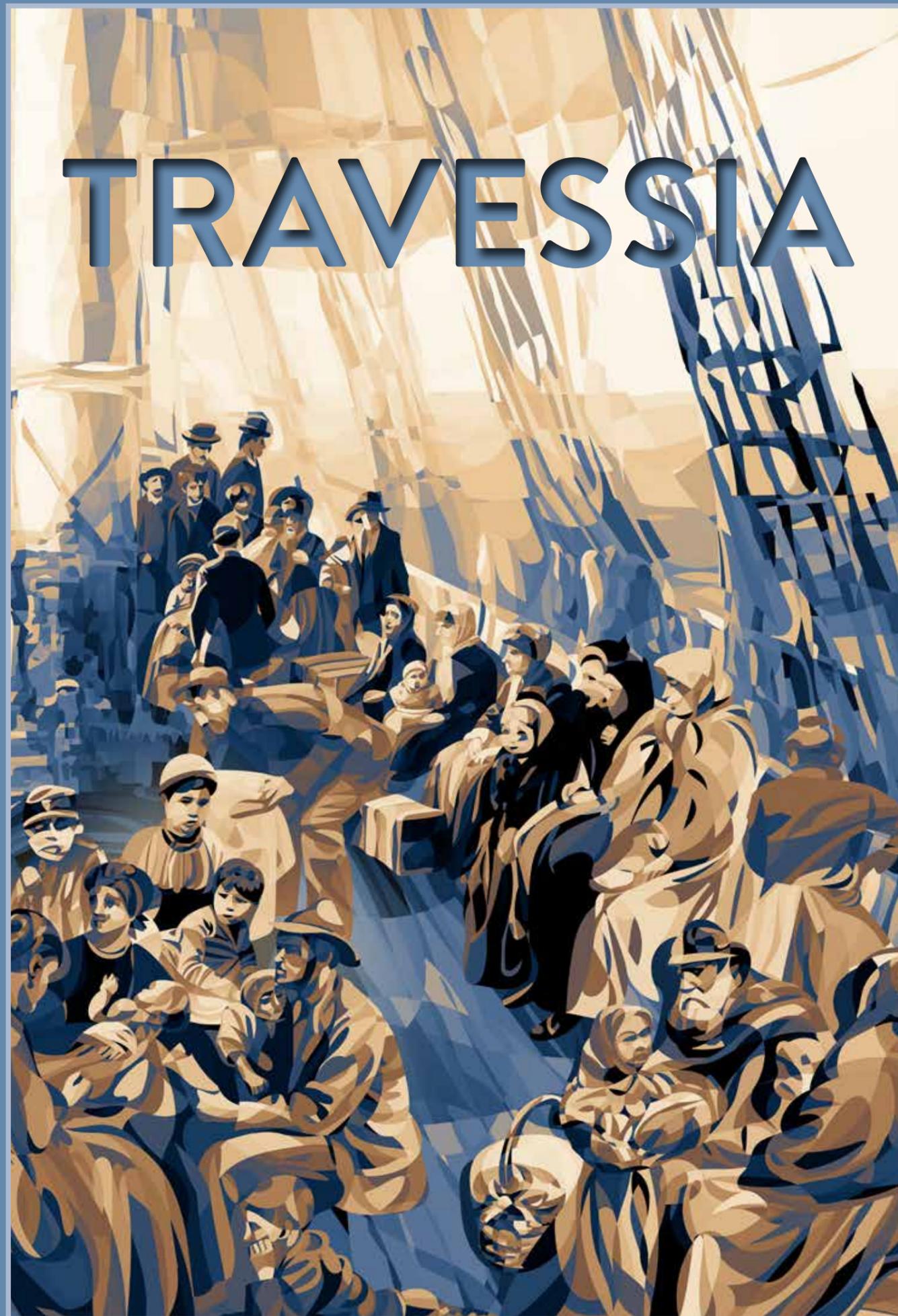
pansão da fronteira agrícola, promovendo também a criação de atividades fabris e artesanais para desenvolver o mercado interno de serviços e o abastecimento de gêneros. O imperador D. Pedro II incentivou essas iniciativas, assim como muitos políticos, comerciantes e fazendeiros. Ao ser recrutado, o imigrante vendia o pouco que tinha e se preparava para a travessia, frequentemente auxiliado por parentes ou amigos. Deslocavam-se, por vezes, de comunas distantes até o porto de embarque.

Plantação de Café (1839), quadro do pintor Johan Jacob Steinmann (1800-1844), reflete o sonho dos camponeses italianos em trabalhar em seu próprio terreno, produzir seus alimentos, manter a família e progredir. Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo



Cartaz da Companhia de Navegação Italiana "La Veloce" (1897). Divulgação dos itinerários das embarcações que transportavam imigrantes italianos para diversos portos do mundo. Fonte: artifche.com

TRAVESSIA



Gênova, principal porto de partida dos imigrantes italianos para o Brasil, era um lugar de despedida. Pessoas de todas as partes, famílias inteiras que haviam perdido tudo agora deixavam sua terra natal. Era uma babel de pessoas falando diversos dialetos, que pouco se entendiam, unidas pela dor. O mar se apresentava como um caminho sem retorno. Os navios eram tanto instrumentos de esperança quanto de dor. Naquele momento, a Itália se tornava apenas uma margem e um passado, enquanto o Brasil representava o futuro. Reunidos em torno do porto, os italianos que decidiram partir para o Brasil eram, principalmente, de origem camponesa, especialmente do norte da Itália, das regiões do Vêneto, Lombar-



“Os emigrantes” - óleo sobre tela de Raffaello Gambogi, (circa 1894) - Livorno, Museu Cívico Giovanni Fattori

dia, Piemonte, Trentino, Emília-Romanha e Friuli. O sul da Itália também contribuía para a imigração, principalmente com agricul-

tores da Campânia, Calábria, Basilicata e Sicília, enquanto do centro da Itália chegavam camponeses dos Abruzos e da Toscana.



“A cena é lancinante. Lágrimas, lamúrias, desmaios, invocações devotas, promessas. Os mais fortes e menos emotivos amparavam os velhos aflitos. Consolar as velhas mães ou os avós é drama pungente [...]. Da amurada do navio os lenços sacodem nervosos as despedidas finais. Addio! Addio! Addio! Os corações se fecham numa saudade funda.”

Serafim Derenzi, 1974, p.51



Flagrante de um navio transatlântico, com destino à América, abarrotado de imigrantes italianos. 1906

Expectativa e incerteza marcavam a jornada dos italianos. A viagem durava de 21 a 45 dias, e se muitos já estavam famintos ao chegar a Gênova, nos navios a situação não era muito diferente. A comida era racionada e de péssima qualidade. Os navios vinham superlotados, transportando não apenas pessoas,

mas também mercadorias, máquinas, bebidas, ferramentas e animais. As condições de higiene e as acomodações eram precárias. O medo era generalizado, especialmente para aqueles que navegavam pela primeira vez. Havia preocupações com as condições do mar e as tempestades, além das doenças como

gripes, diarreias, infecções e, ocasionalmente, infestações de sarna, piohos e ratos. Os imigrantes viajavam nos porões, onde se encontravam os dormitórios coletivos, que podiam acomodar até dez leitos, ou até mesmo no próprio assoalho quando não havia espaço. Os espaços eram exíguos. A travessia penosa, as condições a bordo e a jornada exaustiva resultavam em muitas mortes, cujos corpos eram jogados ao mar. As distrações eram escassas, com o acordeão e as cartas de baralho sendo os principais passatempos.

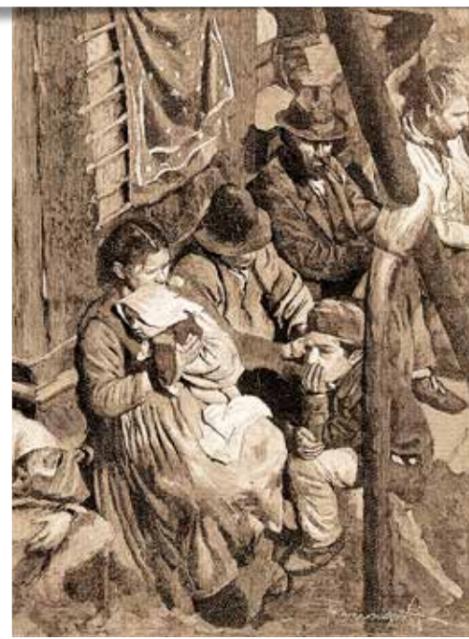
“Meus avós diziam que eles vieram no porão do navio”. Beliches em acomodação no interior (porão) de um navio para passageiros da 3ª classe. – autor desconhecido. Museu Ballin, Hamburgo, Alemanha



Muitas pessoas vieram sozinhas, enquanto outras trouxeram suas famílias, ou parte delas, para o Brasil. A maioria era composta por camponeses analfabetos que deixaram seus parentes para buscar oportunidades na América. Possuíam habilidades em diversos ofícios, e muitas mulheres, além de auxiliar nos serviços no campo, eram hábeis em costura, cozinha e artesanato. Devido à extrema pobreza, alguns contraíram empréstimos, receberam doações de familiares na Itália ou vieram por intermédio de agenciadores brasileiros, ficando endividados. Retratar essas trajetórias é lembrar de muitos outros que vieram praticamente sem nada, somente com as roupas que vestiam e alguns trocados. O que os motivava era a promessa e o sonho de uma vida melhor no Brasil. Alguns foram recrutados diretamente por fazendeiros, enquanto outros foram direcionados para compor as colônias de povoamento do governo.



Casal de imigrantes italianos e suas crianças preparados para o embarque. A decisão de partir com a família, ampliava ainda mais a impossibilidade do regresso. Final do século XIX - Autor: Desconhecido - Fonte: wikipedia.org



Esperançosos por um futuro mais promissor, famílias de imigrantes aguardam pelo seu destino. Ilustração de Arnaldo Ferreguti para livro "Sull'Oceano" do escritor e jornalista italiano Edmondo de Amicis - 1900

“
Esse povo veio da Itália sem nada, eles não tinham dinheiro, nem joia, nem arma. Só os braços para trabalhar.”

Depoimento de Euzaudino Venturin, Lembranças Camponesas, 1992.



Ilustração de Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) mostrando a diversidade do bioma das florestas brasileiras. Exemplo de imagem exótica da natureza tropical que muito contribuiu para alimentar o imaginário dos europeus e dos imigrantes em sua decisão de buscar novos desafios do outro lado do Atlântico



Folheto de Santo Antônio de Pádua. Os imigrantes buscavam na fé em seus santos de devoção o reforço espiritual para enfrentar as adversidades. Reconstituíram no Novo Mundo o vínculo comunitário, na construção de igrejas e mantiveram sua religiosidade

O que trazia algum conforto durante a travessia eram as imagens e as narrativas sobre o Brasil, destacando a exuberância de sua natureza e a fertilidade da terra, além da ausência de guerras. Um elemento decisivo que minimizava o receio era a presença da igreja. A fé católica era um fator de coesão. Havia missas a bordo dos navios aos domingos. Além do sonho de possuir um pedaço de terra, uma casa ou um negócio no Brasil para garantir a sobrevivência material, havia também a esperança de uma comunhão espiritual. Amizades e alianças surgiam entre as pessoas que se conheceram no porto ou a bordo, com destino ao mesmo lu-

gar. Apesar de serem marginalizados e de baixa condição social na Europa, não era incomum que, no Brasil, alguns imigrantes expressassem um sentimento de superioridade em relação aos habitantes locais. A habilidade que traziam consigo acabava alimentando o mito de uma suposta superioridade de seu trabalho, como se fossem mais capazes ou laboriosos que os brasileiros. Além disso, o contraste entre a pele branca dos imigrantes em

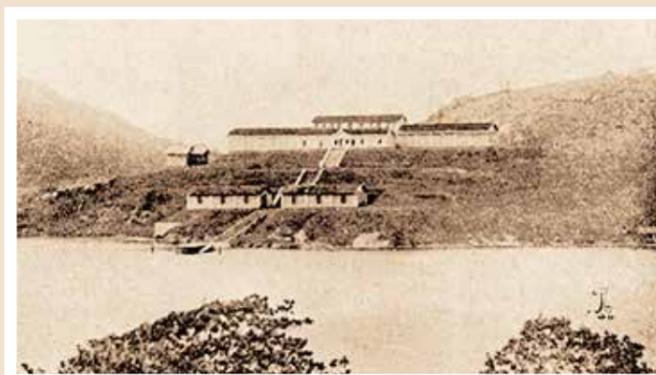
um país predominantemente negro e mestiço também tinha impacto. Muitos fazendeiros desejavam os imigrantes como uma forma de “branquear” o Brasil.

A CHEGADA

Os principais portos de desembarque eram o Rio de Janeiro e Santos, mas também Vitória e dos estados do Sul. A chegada era marcada pela recepção em hospedarias ou alojamentos, o que encerrava algumas incertezas e criava outras. Os colonos conheciam seu destino e começavam a ter uma ideia das dificuldades que os aguardavam. Além das distâncias a serem percorridas, eles percebiam os desafios que teriam que enfrentar: matas, florestas, indígenas, animais selvagens, tudo parecia ameaçador. Em muitos casos, enfrentavam também a hostilidade dos fazendeiros e dos habitantes locais, que sujeitavam os imigrantes italianos a condições semelhantes às dos escravizados assim que desembarcavam. Os imigrantes ficavam abrigados por alguns dias em quarentena nas hospedarias, geralmente localizadas em regiões portuárias ou em ilhas. Essas hospedarias eram responsáveis pelo controle sanitário, pela conferência da documentação e redistribuição dos imigrantes para outras regiões.

O Ádria foi o transatlântico que mais transportou imigrantes em uma única viagem para o Espírito Santo. De Gênova para Vitória, foram 1.530 italianos, em 27 de dezembro de 1888. Também foi o mais rápido a cruzar o Atlântico na viagem, em 19 dias, entre 10 e 29 de setembro de 1891.

Chegada de navio ao porto. Após a longa trajetória marítima, ansiosos para o desembarque, os imigrantes se deparam com os primeiros cenários do Novo Mundo. Fotógrafo desconhecido. Acervo: Centro Histórico dos Imigrantes - São Paulo



Hospedaria dos Imigrantes da Pedra d'Água, na baía de Vitória, no início do século XX. As hospedarias eram grandes instalações para receber, de uma só vez, centenas de imigrantes. Fonte: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo

Panorâmica de Vitória. Victor Frond, 1860. Coleção Thereza Cristina Maria, Biblioteca Nacional



O BRASIL



Os primeiros passos na nova terra foram de aclimatação a uma realidade completamente diferente. Outra língua, outro clima, outra cultura, outras pessoas. A palavra que define esse momento é adaptação, e os colonos enfrentaram os desafios com resiliência e determinação. Muitas vezes, eram tratados como escravizados em diversos lugares ou como cidadãos de segunda categoria caso não tivessem se naturalizado. Eles eram vistos com curiosidade e desconfiança. Uma vez liberados das hospedarias, eles se deslocavam para seus locais de destino para começar a trabalhar. O que se esperava dos italianos era suprir a falta de mão de obra devido à extinção do tráfico negreiro, a partir de 1850, e da própria escravidão em 1888. Eles trabalhavam para sobreviver, integrando-se ao novo mundo, ao mesmo tempo em que preservavam sua cultura, seus valores e tradições, apesar das condições bastante difíceis.



Casa do diretor da Colônia de Santa Leopoldina, Amelio Pralon. Assim eram as habitações provisórias construídas pelos colonos por entre clareiras abertas em meio às densas florestas do Espírito Santo. Foto: Victor Frond, 1860. Acervo Coleção Theresa Cristina Maria, Biblioteca Nacional



Frandoso jequitibá, cujo tronco, a dois metros do solo, media 12,70 metros de circunferência. Localizado em terras banhadas pelo rio São José, que desagua na lagoa Juparanã, Linhares. Álbum do Estado do Espírito Santo. Vitória, 1922

Para alcançar as colônias ou as fazendas no interior, eram utilizadas as vias fluviais ou os trens, quando existiam. Em pequenas canoas, as famílias eram transportadas rio acima até onde era possível navegar. Depois, deviam seguir a pé ou contar com o apoio de animais de carga.

Os desafios em meio à densa floresta Atlântica: o enfrentamento com os animais ferozes e peçonhentos não estava nas propagandas dos agenciadores, que vendiam um paraíso na América. Gravura de Édouard Riou, calcada em desenho original de Biard. Fonte: *Viagem à Província do Espírito Santo* - Auguste-François Biard - Ed. Aracruz Celulose S.A. - Fundação Jônice Tristão.

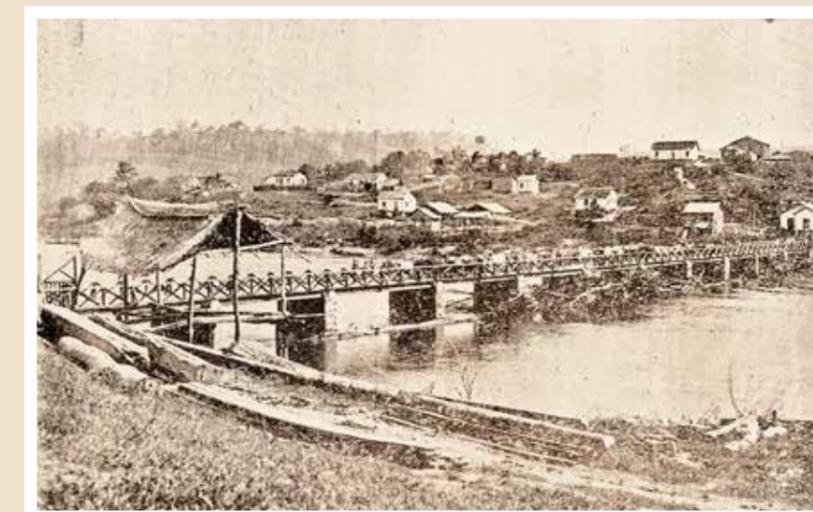


Povoação de Santa Teresa, sede do Núcleo Colonial do Timbuhy, vendo-se as primeiras construções dos italianos em meio à floresta derrubada. Foto: Albert Richard Dietze (circa 1874). Acervo: Coleção Theresa Cristina Maria, Biblioteca Nacional

O resultado imediato da chegada dos italianos ao Brasil e ao Espírito Santo foi uma transformação significativa da realidade local. Instalados em terrenos inóspitos e isolados, enfrentaram a falta de assistência médica, educacional e religiosa, bem como a escassez de alimentos, mercadorias e ferramentas. Isolados em assentamentos ainda desorganizados, cercados por mata virgem e comunicação precária, os italianos se viram praticamente abandonados. No entanto, por meio de seu esforço, a agricultura experimentou avanços, assim como o comércio e os ofícios locais. Eles conseguiram sobreviver. Nem todos prosperaram ou enriqueceram, mas o trabalho árduo rendeu frutos, incluindo o nascimento de

seus filhos em solo brasileiro. Assim, firmou-se uma aliança entre a terra de origem e a de destino. A fixação no Brasil e o apego à terra que os acolheu foram responsáveis

por uma história de transformação e progresso. Os italianos contribuíram para o desenvolvimento da região e deixaram um legado duradouro em sua nova pátria.



Primeiros anos da cidade de Nova Venécia (em homenagem à capital vêneta, Veneza) originou-se a partir da criação do núcleo de colonização homônimo, em 1892. A distribuição dos imigrantes italianos se verificou ao longo da costa do Espírito Santo, de sul a norte, desde o rio Itabapoana ao Cricaré. Foto: Ponte sobre o braço sul do Rio São Matheus, em Nova Venécia, 1925. Mensagem Final do governo de Florentino Avidos, 1928, p. 220

Desde sua chegada, uma das marcas distintas da sociabilidade entre os imigrantes italianos foi seu caráter colaborativo. Enquanto a cordialidade era um traço decisivo da personalidade brasileira, entre os italianos destacava-se a solidariedade. Surgiram redes de colaboração, trabalho coletivo, auxílio e acolhimento mútuo. Os imigrantes e seus descendentes valorizavam o trabalho em conjunto, ajudando uns aos outros. Esse hábito era comum em suas comunidades, que buscavam apostar na coletividade, na emancipação e no desenvolvimento de todos. Dessa colaboração, surgiram muitas fraternidades e associações que ainda existem hoje. Além disso, os italianos contribuíram para a construção de capelas e igrejas em solo brasileiro para seus santos e santas de devoção, onde celebravam os nascimentos, a vida e a morte. Eles também não pouparam esforços para introduzir párocos, organizar seminários e trazer ordens religiosas a fim de cultivar o catolicismo em solo brasileiro. Esse empenho religioso não apenas fortaleceu a comunidade italiana, mas também deixou uma marca duradoura na paisagem cultural e religiosa do Brasil.



Trabalhadores em mutirão para a extração da madeira no interior de Colatina. Fonte: APEES - Indicador Ilustrado do Governo de Jerônimo Monteiro (1908-1912)

Reforma da ponte sobre o rio Benevente. Colonos se juntam aos moradores de Alfredo Chaves para manutenção da ponte que interligava a cidade às áreas de colonização. Fonte: PESSALI, Hésio. Alfredo Chaves - Uma visão histórica e política. Alfredo Chaves, 2010



Levantamento do Cruzeiro das Missões em frente à igreja católica de Venda Nova do Imigrante, 1950. Acervo Projeto RECIES

Salesianos, Combonianos, Pavonianos, Capuchinhos, Franciscanos e Clarissas foram algumas das ordens religiosas católicas, de origem italiana, que se instalaram no Espírito Santo. Proporcionaram aos jovens, filhos e netos de camponeses italianos, e de outras origens, a oportunidade educacional, em internatos, além do apoio espiritual, contribuindo também para a formação de novos religiosos.



Canoeiros no rio Santa Maria transportando café do porto de Santa Leopoldina para Vitória - década de 1920. As canoas, embarcações de pequeno porte, também eram os meios de transporte utilizados pelas famílias para se alcançar as colônias e fazendas no interior do Espírito Santo, por meio das vias fluviais. Fonte: Obra de Propaganda Geral do Estado do Espírito Santo, 1924 - Org. José Coelho

O impacto da presença das comunidades italianas em solo brasileiro foi profundo e abrangente. O resultado imediato da imigração pode ser resumido em uma palavra: transformação. Os imigrantes foram responsáveis por uma grande renovação das atividades econômicas no Brasil, impactando tanto nos campos e lavouras quanto no comércio, nos ofícios e no desenvolvimento industrial. A introdução de novas técnicas, formas de criação, produção e fabricação de bens conheceu uma grande expansão, diversificando a atividade econômica, dinamizando-a e aproximando-a dos níveis de desenvolvimento dos centros europeus. Tanto os campos quanto as cidades foram transformados. Surgiram produções de vinhos, assim como de tijolos, telhas, licores, pães, vestuário e muito mais.

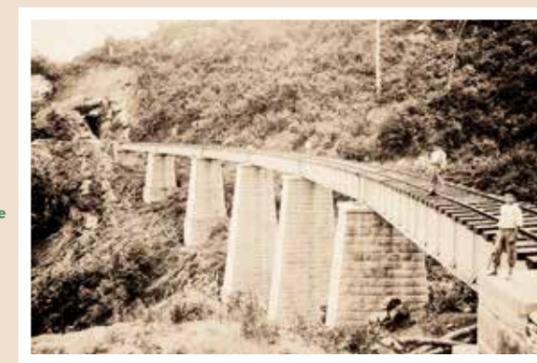
Além disso, os italianos também transformaram a vida social nas comunidades onde se instalaram, dinamizando-as com novos hábitos e atividades. Suas tradições,

costumes e valores contribuíram para enriquecer a cultura brasileira, criando uma interação cultural que deixou marcas profundas em nossa sociedade.



Caminhão carregado de sacas de café, em frente ao comércio da família Perin, em Venda Nova do Imigrante. Década 1950. Acervo Projeto RECIES

Trecho da Estrada de Ferro Sul Espírito Santo (EFSES) que interligou Vitória a Cachoeiro de Itapemirim. Essa estrada férrea se utilizou da mão de obra de operários italianos para a sua construção. Fonte: APEES - (Relatório) Indicador Ilustrado do Governo de Jerônimo Monteiro (1908-1912)



A presença italiana em solo brasileiro foi um fator determinante para a reinvenção e a renovação da vida social. A identidade cultural italiana se metamorfoseou, configurando uma identidade particular em solo brasileiro. Embora tenha preservado raízes e traços de origem, como sua culinária, música, língua, danças, arquitetura e religião, essa identidade se modificou, absorvendo aspectos e práticas culturais

existentes no Brasil, permitindo-se inovar e reinventar. Os imigrantes e seus descendentes desempenharam papéis importantes na transformação da realidade brasileira e capixaba, participando do processo de desenvolvimento econômico



Casa típica da arquitetura de imigração italiana no Espírito Santo construída sobre estruturas de madeira, em Santa Teresa. Foto: David Protti (2024)

e sociocultural vivido entre 1880 e 1930. Nas cidades, as edificações sofreram modificações e os serviços se ampliaram. Nas fazendas, as técnicas e os produtos se diversificaram, aumentando a produção. Esse intercâmbio cultural en-

tre italianos e brasileiros contribuiu para enriquecer a vida social e cultural do Brasil, criando uma nova e rica identidade cultural que incorporava elementos das duas culturas. Em suma, a presença italiana teve um impacto profundo e duradouro na sociedade brasileira, deixando um legado que perdura até os dias de hoje.



A tradição da música, com os instrumentos típicos, os corais e as bandas, sempre estiveram presentes nas manifestações culturais das comunidades italo-capixabas. Na foto, (a esquerda) o jovem Rodolfo Sperancin Della Valentina, de Guaraná, Aracruz, Foto: Joel Boecke, Pedra Azul, 2024. À direita, José Gasperazzo, na Casa Lambert. Santa Teresa. Foto: David Protti, 2024

A presença de italianos no Espírito Santo e no Brasil remonta aos primeiros anos após o Descobrimento do país. Eram navegadores, aventureiros, artistas, comerciantes e agricultores que buscavam a sorte nos trópicos. Pietro Tabacchi, por exemplo, já se encontrava no Espírito Santo desde a década de 1850.

O FUTURO



A herança italiana deixou marcas visíveis nos campos e nas cidades capixabas. Seu legado pode ser observado nas fachadas das casas, nas festividades e celebrações culturais, no vocabulário utilizado pelos moradores e nos costumes existentes. Não se trata de uma tradição estática ou fossilizada, mas sim de um conjunto de práticas vivas que resgatam o passado como instrumento de ação no presente. Talvez o turismo seja uma forma de valorizar essas tradições, assim como o agroturismo, que se tornou uma característica marcante da imigração italiana no Espírito Santo, com sua vocação para o cultivo e a produção de produtos característicos. Entre as inúmeras contribuições dos italianos no Brasil e no Espírito Santo, destacam-se a consolidação do catolicismo, a disseminação de vocábulos, pratos como a pizza, o gelato, o espaguete, a po-



Transmitir às novas gerações os valores herdados dos antepassados imigrantes, seja na religiosidade, nos costumes, no modo de construir e produzir é uma tarefa diária que mantém viva a cultura de imigração italiana no Espírito Santo. Na imagem, o registro da procissão em homenagem ao padroeiro São Paulo. Ao fundo uma casa típica da arquitetura de imigração italiana de propriedade da família Bellon. Comunidade de São Paulo de Aracê, Domingos Martins. Foto: Cilmar Franceschetto, Projeto RECIES, 1991

lenta e o panetone. O Agroturismo é um dos importantes atrativos do Espírito Santo. Desde os anos 1990 há comunidades estruturadas para receber visitantes. Muitos produtos são de fabricação familiar e trazem consigo a memória da imigração, reinventada e atualizada de acordo com as demandas do mercado atual. Nos roteiros ca-

pixabas é possível conhecer as propriedades, as tradições locais, além de experimentar delícias típicas de cada região.



Estudantes se preparam para o desfile em homenagem ao Centenário da Imigração Italiana em Castelo (ES). Foto: Cilmar Franceschetto, Projeto RECIES, outubro de 1990



Avô observa o neto no aprendizado do jogo da bocce (bocha). Família Mazzon/ Pauluzzi. Boa Esperança, Muniz Freire. Foto: Cilmar Franceschetto, Projeto RECIES, 1991

A força da imigração italiana pode ser encontrada em diversos municípios do Espírito Santo. No interior, por meio da agroindústria e do agroturismo, observam-se importantes parcerias com os entes públicos voltadas para a produção sustentável, a conservação e recuperação de áreas nativas, além da adoção de tecnologia e inovação para aprimorar os processos produtivos e integrar-se ao mercado. No setor industrial e de serviços, também se destaca a presença ítalo-brasileira, são empresas familiares que cresceram com o próprio estado. Nas últimas décadas, temos assistido processos de renovação tecnológica em diversos negócios, visando garantir maior eficiência sem negligenciar a responsabilidade ambiental. Seja nos transportes, na produção têxtil, na exportação de café, em cooperativas ou em uma variedade de serviços oferecidos, as contribuições da imigração são indiscutíveis.

A cidade de Venda Nova do Imigrante (ES), onde se realiza anualmente a Festa da Polenta, foi reconhecida oficialmente como Capital Nacional do Agroturismo, modalidade de turismo rural que associa a vivência do cotidiano agrícola ao lazer, à visita e a valorização do meio ambiente.



Tombo da Polenta: registro tradicional da culinária italiana. Marilândia, 2024. Foto: Cilmar Franceschetto



Com cerca de 1 bilhão de faturamento anual, o setor de rochas (mármore e granito) do Espírito Santo tem destaque mundial, envolvendo o pioneirismo de famílias italianas no empreendimento. A primeira pedra de mármore foi extraída em 1957, na localidade de Prosperidade (família Scaramuzza), município de Vargem Alta. Fonte: Divulgação, centrorochas.org.br



Torrefação de café, Seleção do Mário. Produção de cafés especiais na propriedade de Mário Zardo. Alto Caxixe, Venda Nova do Imigrante. Foto: David Protti, 2024

UM SONHO EM PERMANENTE CONSTRUÇÃO

A imigração italiana para o Brasil representou um sonho coletivo, uma oportunidade de iniciar uma nova vida. Para muitos, foi a tentativa de assegurar a continuidade do grupo, da família ou do próprio indivíduo em outro continente, uma aspiração em direção ao futuro. Para essas famílias italianas, a imigração foi uma questão de sobrevivência. Um recomeço. A possibilidade de fazer a vida na América. Para o Brasil, a imigração, além de impactar a vida civil e política do país, significou muito em termos de crescimento demográfico, desenvolvimento econômico, agrícola e industrial. No Espírito Santo, levas expressivas de imigrantes italianos foram direcionadas para o interior, subsidiando as



Caminho do Imigrante, evento que teve início em 2004 em homenagem aos 130 anos da imigração italiana no Espírito Santo. Idealizado pelo Arquivo Público do Estado do Espírito Santo e realizado anualmente, em 1º de maio, entre as cidades de Santa Leopoldina e Santa Teresa, com a organização das duas prefeituras. Na imagem, os participantes cruzam a ponte de Santa Leopoldina. Foto: Cilmar Franceschetto, 2005

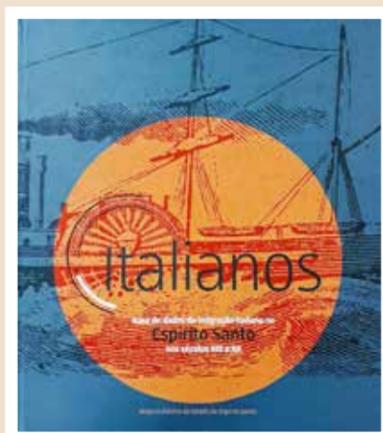
lavouras, criando núcleos populacionais e promovendo desenvolvimento, apesar das dificuldades enfrentadas. Somos uma sociedade multicultural e ao longo do tempo, os contínuos encontros das diferentes matrizes que aqui se estabeleceram, colaboram para a riqueza que compõem o ser capixaba.



Monumento ao Imigrante Italiano, inaugurado em junho de 2000, na Enseada do Sua, Vitória. São dois obeliscos que simbolizam a união entre os dois povos. Foto David Protti, 2024



Famílias italianas se destacaram no setor de transporte no Espírito Santo, como os Chieppe, do Grupo Águia Branca, entre as maiores empresas do setor no Brasil. Foto: Divulgação.



Livro Italianos: base de dados da imigração italiana no Espírito Santo nos séculos XIX e XX. Publicação do Arquivo Público a partir dos dados organizados pelo Projeto Imigrantes Espírito Santo contendo a relação nominal dos italianos que entraram no estado

150 ANOS DE TRAVESSIAS



Musical Italiano Noi Siamo La Storia, Companhia Allegro (maestro Inarley Carletti), durante o Festival da Cultura Italiana, Praça do Papa, Vitória. Foto: David Protti, 2004



Festival da Cultura Italiana em Vitória, 2024. Foto: Kaio Torres Machado

A reconexão com a terra de origem e o enraizamento em solo brasileiro faz com que os descendentes dos imigrantes se sintam, muitas vezes, brasileiros e italianos ao mesmo tempo, com uma identidade característica da qual se orgulham. Há um compromisso em manter suas tradições, valorizando-se a memória e a educação como caminhos para formar as gerações do presente e do futuro.

Há, também, um processo de reaproximação e solidificação com as raízes italianas, o que tem impulsionado muitos a retornar à Itália, à terra dos seus antepassados. Isso tem resultado na reconstrução de trajetórias e experiências que conferem semelhanças e contrastes entre as duas culturas. Integradas à cultura brasileira, assistimos comunidades vibrantes e prósperas, onde os laços familiares, as organizações em associações, os grupos folclóricos, as pesquisas históricas e genealógicas, são valorizados, mobilizando as comunidades italianas, que se orgulham da sua História.



Os grupos de danças, formados em sua maioria por crianças e adolescentes, são destaque nos eventos que celebram a cultura italiana. Festival da Cultura Italiana na Praça do Papa, Vitória. Foto: Cilmar Franceschetto, 2024



“Embarque dos imigrantes”, encenação realizada na Praça do Papa, Vitória, no evento de Abertura das Comemorações dos 150 Anos da Imigração Italiana no Espírito Santo, 17 de fevereiro de 2024. Foto: Cilmar Franceschetto

Celebrar a história é celebrar a vida. No sesquicentenário, os descendentes se reúnem para homenagear os seus antepassados, manter vivas as tradições e preservar os vínculos com a pátria mãe. Adotados pelo Brasil, se preparam para o futuro seguindo a herança de uma geração que enfrentou o desafio de cruzar o Atlântico em busca de um sonho mais promissor para as gerações vindouras, que somos nós... E graças à coragem, à fé, à persistência dos nossos bravos imigrantes, hoje nós somos a história.



Documentos como testemunhos da História. O jovem casal, Gabriel e Laísa Merlo, no desfile da Festa do Imigrante Italiano, em Santa Teresa, com o documento que contém a assinatura do seu tetravô, Francesco Merlo, que veio na Expedição Tabacchi, em 1874. O ofício, do acervo do Arquivo Público deu base ao reconhecimento de Santa Teresa como a primeira cidade de colonização italiana do Brasil

Atualmente, calcula-se que são 30 milhões os descendentes de italianos entre os brasileiros, tornando o Brasil uma das maiores representações da cultura italiana fora da Itália. O Espírito Santo é reconhecido oficialmente como o berço da imigração italiana no país e o estado com maior número de descendentes em proporção a sua população. Santa Teresa é reconhecida como a primeira cidade de colonização italiana do Brasil.

IMIGRAÇÃO
ITALIANA
150
ANOS
1874-2024
ESPÍRITO SANTO • BRASIL

Organização _____



Patrocínio _____



Realização _____



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Cultura
Secretaria de Gestão e
Recursos Humanos

